

Notas sobre a tentativa positiva da psicologia concreta de Georges Politzer – Parte II

Notes sur la tentative positive de psychologie concrète de Georges Politzer – Partie II

Júlio César Mioto

Doutor em Psicologia pela USP

juliocesarmioto@alumni.usp.br

<http://orcid.org/0000-0001-9921-871X>

Resumo: Esta é a segunda parte das notas e explicações que constituem os artigos científicos que não querem ser senão imersões nos textos de Georges Politzer da *Revue de psychologie concrète* com finalidade puramente exegética e tendo em vista a questão do abandono do “projeto de psicologia concreta” da parte do autor. Tentamos mostrar a relatividade do fracasso de Politzer (que poderia ser apontado como motivo do abandono do projeto de psicologia concreta) em discutir a positividade da psicologia, ou que houve relativo sucesso em sua própria tentativa positiva, pelo menos para observadores históricos como nós.

Palavras-chave: Psicologia concreta; psicologia positiva; psicologia mitológica.

Résumé: *Il s’agit de la deuxième partie des notes et explications qui constituent les articles scientifiques qui se veulent être des immersions dans les textes de Georges Politzer de la Revue de psychologie concrète à des fins purement exégétiques et en vue de la question de l’abandon par l’auteur du “projet de psychologie concrète”. Nous essayons de montrer la relativité de l’échec de Politzer (que l’on pourrait désigner comme la raison de l’abandon du projet de psychologie concrète) à discuter de la positivité de la psychologie, ou qu’il a relativement réussi dans son propre effort positif, au moins pour les observateurs historiques que nous sommes.*

Mots-clés: *Psychologie concrète; psychologie positive; psychologie mythologique.*

A fórmula de Politzer

A fórmula de Politzer é: Drama X Natureza. Entre o drama e a natureza física não há um lugar intermediário menos metafísico, que poderia ser entendido como meta da ciência. Então, a busca de um lugar menos metafísico entre natureza e natureza *sui generis* do espírito como conciliação da metafísica tácita do realismo com a metafísica espiritualista só pode malograr.

O essencial aliás é que as realizações são inconcebíveis. As únicas *realidades* com efeito são por um lado a natureza física e por outro o drama. É entre os dois que querem inserir as *realizações* da psicologia. Mas entre os dois não há lugar para um drama que não é um drama, porque quereria ser uma natureza, e para uma natureza que não é uma natureza, porque quereria ser um drama. [#] A transposição não nos conduz do menos metafísico ao mais metafísico senão para nos fazer passar do real ao mitológico. Ela conduz, com efeito, a uma representação do drama que faz desaparecer sua realidade. (POLITZER, 1969, p. 96-97)

A inutilidade da transposição do animismo no empirismo é então patente, senão para fazer passar a pesquisa ao mitológico. “É do menos metafísico ao mais metafísico que nos faz passar, muito inutilmente, a transposição” (POLITZER, 1969, p. 96). Exemplo de problema “mais metafísico”: “De que servirá, àquele que querera conhecer minha maneira de trabalhar, ‘reviver simpaticamente’ essas facilidades e essas dificuldades?” (POLITZER, 1969, p. 96). Então, temos duas formas da psicologia, que constituem uma oposição clara e em que uma é válida e a outra não.

A primeira é o estudo *direto* do drama, a segunda não é dela senão o estudo *indireto*. Uma estuda o drama ele mesmo, pelos procedimentos ordinários da *Menschenkenntnis*; outra estuda uma transposição do drama por procedimentos que, segundo a intenção primeira que os anima, são adaptados ao estudo dos resultados desta transposição, e por meio das quais não é senão por acidente que podem se introduzir procedimentos aptos a estudar o drama ele mesmo. (POLITZER, 1969, p. 97)

Existe apenas uma experiência; não existem duas experiências que poderiam resultar em duas formas válidas de conhecimento psicológico científico. Apenas o que Politzer chama de “drama” é a experiência. A forma indireta de abordagem dessa experiência é engendrada pelo interesse animista, que é um interesse metafísico e não um interesse científico. “Em lugar do drama nós encontramos sua transposição em símbolos animistas com a ajuda de um conjunto de personagens abstratos e formais” (POLITZER, 1969, p. 98); causa e efeito da “esterilidade de um trabalho puramente nocional” (POLITZER, 1969, p. 98), nas pesquisas psicológicas com essa inspiração.

Exatidão *a posteriori*

A “psicologia mitológica” é a “psicologia dos últimos vinte e cinco anos” e, parcialmente, também todas novas tendências, pelo motivo da transposição do metafísico no científico (também do científico no metafísico?). Há diferenças, entretanto, entre o mitológico e o pré-científico. É preciso, segundo Politzer, efetuar a precisão do pré-científico de uma

maneira determinada científica, de modo a poder julgar corretamente a psicologia do passado.

Não basta com efeito, para que uma disciplina se torne uma ciência, eliminar o fundo mitológico que ela encerra. Pois em uma disciplina imperfeitamente positiva, toda a imperfeição não vem do mito. Há noções, constatações e teorias que não são anticientíficas, mas somente pré-científicas. Depois de ter mostrado de um modo geral isso que, em matéria de psicologia, não é e não pode ser da ciência, e deve ser rejeitado absolutamente enquanto mitológico, é preciso mostrar agora em quais signos se poderá reconhecer o que pode ser conservado, mas deve ser precisado, aprofundado, ao mesmo tempo que o sentido desta precisão e deste aprofundamento. Em outros termos, depois de haver oposto a psicologia científica à psicologia mitológica, é preciso encontrar um princípio que permite opô-la à psicologia pré-científica. É esta dupla oposição que, somente, poderá permitir à crítica pronunciar um julgamento claro sobre a psicologia do passado. (POLITZER, 1969, p. 99)

É problema então da exatidão da psicologia, problema de encontrar um princípio atual que sirva à crítica dos dois momentos históricos, da psicologia mitológica e da psicologia pré-científica, a que correspondem dois movimentos críticos históricos. Eles têm diferença, mas os dois movimentos críticos históricos não têm clareza sobre aquilo a ser eliminado.

Toda a diferença a este respeito consiste no fato de que os representantes do primeiro movimento queriam introduzir em psicologia cegamente o ideal de exatidão das ciências da natureza, enquanto que o segundo movimento quer fazer justiça à "particularidade" dos fenômenos psíquicos. (POLITZER, 1969, p. 99-100)

Este segundo movimento não chega a superar o realismo, do qual o primeiro ideal de exatidão também derivava. Temos então a questão sobre a utilização da matemática na psicologia. A verdade a que chega a psicologia após os dois movimentos críticos é aporética.

[...] uns creem que a única exatidão é aquela que dão as matemáticas e o uso do aparelho experimental, outros demonstram que isso é impossível visto a especificidade do fato psicológico. Acusa-se de um lado o cientificismo, de outro, a literatura, isso que, longe de ser falso, representa a única verdade à qual esta discussão chegou. (POLITZER, 1969, p. 100)

O problema da possibilidade ou impossibilidade de mensuração dos sentimentos é também um tema bergsoniano no *Ensaio sobre os dados imediatos da consciência*. Vejamos como aparece a formulação geral no Prefácio a essa obra. A questão-cume de Bergson é aquela sobre o extenso e o inextenso, o espaço e o tempo, a linguagem e o sentimento, o determinismo e a liberdade, a extensão e a duração, etc.

Exprimimo-nos necessariamente por palavras e pensamos quase sempre no espaço. Isto é, a linguagem exige que estabeleçamos entre as nossas ideias as mesmas distinções nítidas e precisas, a mesma descontinuidade que entre os objetos materiais. Esta assimilação é útil na vida prática e necessária na maioria das ciências. Mas poder-se-ia perguntar se as dificuldades insuperáveis que certos problemas filosóficos levantam não advêm por teirmos em justapor no espaço fenômenos que não ocupam espaço, e se, abstraindo das grosseiras

imagens em torno das quais se polemiza, não lhes poríamos termo (BERGSON, 1988, p. 9).

A tese de Bergson é de que o espaço não é em si mas tem uma forma adaptativa que adentra a utilização da lógica; ele quer recuperar uma dimensão puramente dinâmica anterior ao espaço, para a prova da liberdade e para alcançar as suas outras noções espirituais.

Quando uma tradução ilegítima do inextenso em extenso, da qualidade em quantidade, instalou a contradição no próprio seio da questão levantada, será de espantar que a contradição se encontre nas soluções dadas? De entre os problemas escolhemos aquele que é comum à metafísica e à psicologia, o problema da liberdade. Tentamos estabelecer que toda a discussão entre os deterministas e seus adversários implica uma confusão prévia entre a duração e a extensão, a sucessão e a simultaneidade, a qualidade e a quantidade: dissipada esta confusão, talvez desaparecessem as objecções levantadas contra a liberdade, as definições que dela se dão e, em certo sentido, o próprio problema da liberdade. Esta demonstração é o tema da terceira parte do nosso trabalho: os dois primeiros capítulos, onde se estudam as noções de intensidade e de duração, foram escritos para servir de introdução ao terceiro. (BERGSON, 1988, p. 9)

Esse é todo o Prefácio. O que mais notar aqui? Questão da liberdade, contrária à necessidade, questão da imensurabilidade da intensidade, o ser questão da psicologia a liberdade. Para Politzer, esse conjunto de questões está enviesado; não é bem um questionamento culminante, senão exprimiria, podemos somar a essa nota, o estágio aporético (e as falsas soluções dele) da questão da psicologia, ou seja, a literatura e o cientificismo são os extremos de uma situação de fato da psicologia pré-científica. Uma concepção de exatidão e do conteúdo da exatidão, que é histórica, não se venceu em uma falsa jogada como aquela que opunha simplesmente a um ideal de exatidão, um outro do tipo bergsonian. Há já uma crítica implícita à tese do *Ensaio sobre os dados imediatos* de Bergson. Parece que, aqui, “[...] não se teve em vista senão a exatidão que implica já um certo conteúdo, a saber o número e a grandeza” (POLITZER, 1969, p. 100). Politzer não abandona a exigência de exatidão, sua exatidão é a pergunta pelo estado aporético que as críticas já clássicas induzem. A discussão da adequação do objeto da psicologia passa pela discussão do caráter empírico de determinada ciência. Sim, ocorre à psicologia que ela utiliza o aparelho matemático-experimental e ainda incorra no mito. Mas uma metafísica experimental também a utiliza e incorre no mito. A discussão nocional das polaridades metafísicas é uma realização delas em um segundo mundo. O gênero de precisão deve ser próprio a seu objeto. Por exemplo, sobre fatos econômicos, a adequação desse objeto não deve se basear sobre a lei do egoísmo, uma paixão psicológica, essa ainda é a tese de um homem em geral, que seria egoísta em geral.

Com efeito, a vida econômica não nos mostra *o homem em geral*; ela nos mostra classes; ela não nos mostra *o egoísmo em geral*, mas *interesses* de classe; e quanto ao egoísmo de classe, ela não nos apresenta sob a forma de uma paixão psicológica, mas sob a forma de bancos, de trustes e de estados. A afirmação precedente não poderá se tornar uma *lei econômica* senão quando ela for adaptada às formas precisas que são próprias aos fatos aos quais ela faz alusão. [...] Em outros termos, uma disciplina é ciência positiva quando seu conteúdo

é adequado às formas mesmas nas quais se concretizam os objetos de que ela se ocupa (POLITZER, 1969, p. 102).

Ponto de vista dramático

Talvez o princípio que determinaria a precisão do objeto da psicologia, para Politzer, seria o par singularidade/drama. Como enuncia Politzer: “Para que uma afirmação possa somente ser considerada como pertencente à psicologia, é preciso já que ela se relacione ao drama; é preciso que ela enuncie alguma coisa de alguém” (POLITZER, 1969, p. 103). Sobre as características do drama, há uma dupla singularidade fácil de distinguir: “É fácil ver que o drama possui duas características fundamentais: seus acontecimentos são singulares ‘no espaço e no tempo’; eles não são concebíveis senão relacionados aos indivíduos considerados em sua unidade singular” (POLITZER, 1969, p. 102). Já o formalismo elimina a determinação individual dos fatos dramáticos. As totalidades sublinhadas pelos psicólogos são formalistas. “Assim se passa primeiro com a totalidade funcional que certos psicólogos, como Bergson por exemplo, inventaram para simular uma reforma desta psicologia que se contenta com a simples multiplicidade de funções” (POLITZER, 1969, p. 104). No caso tornado clássico da crítica de Politzer a Bergson, vê-se que a crítica não representa uma implicação desmotivada com Bergson, mas antes está marcada em uma dialética de grandes linhas entre a psicologia concreta e a psicologia clássica. Ele diz sobre o formalismo bergsoniano (Cf. POLITZER, 1946), no contexto da sua referência às “funções”:

Afirma-se que a multiplicidade das funções não é admitida senão pelas necessidades da análise; que em realidade o indivíduo é uma totalidade. Mas não há aqui senão uma precaução oratória, porque de fato os problemas funcionais permanecerão de qualquer forma no centro, e a totalidade acaba formal, porque o homem é outra coisa que o imbricamento mesmo o mais complicado, a fusão mesmo total, das funções mentais {ou funções mentais, trad. portuguesa}. (POLITZER, 1969, p. 104)

Há o caso de psicólogos que fazem da totalidade um tema especial, mas somente como o coroamento da pesquisa; reivindicam uma totalidade soberana especulativa, que tenta fazer justiça à unidade do homem. Spranger, por exemplo, em sua “psicologia da ciência do espírito”. Mas Politzer nota sobre Spranger, de acordo com o seu princípio singular/dramático: “As ‘formas vitais’ de Spranger não atingem o *hic et nunc* do drama; elas se relacionam unicamente aos grandes temas do drama em geral” (POLITZER, 1969, p. 105). Nessa psicologia, a estrutura de conjunto da criança não explica os detalhes individuais de um comportamento determinado de uma tal criança. É a psicanálise que considera os materiais puramente individuais. Sobre o ponto de vista biológico e este tipo de perspectiva da totalidade, entre behavioristas, mas também Koffka, a “totalidade” “não atinge mesmo o drama porque o ponto de vista biológico põe o homem, nu de humanidade, em face da natureza, escamoteando o drama” (POLITZER, 1969, p. 105), por ignorância do ponto de vista dramático e insistência no ponto de vista biologizante, ou pelo esforço de estabelecer um monismo de viés biologizante.

Novos gêneros de precisão

Havendo diferentes aspectos do drama, haverá diferentes gêneros de precisão. Os principais introduzidos por Politzer são os acontecimentos livres e os acontecimentos com padrão (estandardizados). Surge então uma completa novidade no argumento de Politzer, uma especificação crítica na psicologia concreta.

Mas esses acontecimentos são de dois tipos, uns livres, outros estandardizados. Uns aparecem no curso do desenrolar da vida individual; na sequência de tais ou tais determinações; outros devem ser *atingidos* pelo indivíduo e representam as necessidades físicas, sociais ou econômicas. Uns implicam a vida do indivíduo tal como ela é, outros implicam a inserção do indivíduo em uma ordem e exigência determinadas. (POLITZER, 1969, p. 106)

O casamento é um acontecimento da vida singular. Já o trabalho “representa para a maior parte da humanidade uma necessidade inelutável” (POLITZER, 1969, p. 106). Então vale destacar exatamente o objeto da psicologia concreta, que se especifica, nos termos de Politzer, em objeto de determinismo livre (associado às possibilidades de uma vida individual), objeto de determinismo estandardizado (associado às possibilidades de uma vida social-econômica do mesmo indivíduo). “O objeto próprio da psicologia é o conjunto de acontecimentos singulares que se desenrolam entre o nascimento e a morte” (POLITZER, 1969, p. 106). Trata-se não do nascimento e da morte do ponto de vista vitalista abstrato e formal, mas do que se desenrola entre um e outra. O casamento e o trabalho ilustram a diferença de precisão que cada objeto dramático exige.

Ora, a forma do trabalho não é, como aquela da fixação erótica, abandonada ao livre curso do determinismo individual. Um certo trabalho particular deve ser fornecido, um rendimento obtido: o indivíduo deve se inserir nesta necessidade ou será eliminado. O que importa aqui, não é isso que o indivíduo é em geral, mas a presença nele de certas capacidades, e a obtenção por ele de um certo rendimento. (POLITZER, 1969, p. 106)

O fato de ser “eliminado” é grave, ele mesmo uma denúncia sobre a servidão capitalista, servidão para a maioria inelutável. Há, para ele, porém acontecimentos livres, como o casamento. O determinismo da ação estandardizada é econômico, não biológico.

Enquanto que os acontecimentos livres supõem o indivíduo em sua singularidade determinada, e não se compreende senão por ela, para os acontecimentos estandardizados o indivíduo não é senão uma peça {trad. portuguesa} [un jeton], um lugar de passagem ou, mais exatamente, um instrumento. (POLITZER, 1969, p. 106)

Quando o indivíduo é um instrumento, o investimento psíquico é como aquele sobre objetos de passagem, o lugar que ele ocupa é passagem. Então, com esta distinção básica, o drama se duplica introduzindo a psicologia geral como tópico da psicologia concreta:

Assim se introduz na psicologia uma grande divisão: temos de uma parte a psicologia individual e de outra a psicologia geral. Mas as duas devem partir a mesmo título dos acontecimentos dramáticos que constituem seu objeto, e

se conformar com o gênero de precisão que lhes é próprio. (POLITZER, 1969, p. 106-107)

O momento pré-científico

A falta de verificação sistemática da tradição faz a psicologia geral recair em funcionalismo e formalismo, enquanto ainda presa ao momento pré-científico, e, por outro lado, não lida com os fatos tais como são efetivamente.

E eis o primeiro momento pré-científico: a psicologia geral corrente estabelece seu plano de trabalho, não segundo a análise dos fatos tais como eles são dados efetivamente, mas sobre a fé de uma tradição de que ela não empreende a verificação sistemática. (POLITZER, 1969, p. 107-108)

Exemplo: parte-se do conceito de vontade e se vai a qualquer objeto específico. No caso do segundo momento pré-científico, ele se compõe de pesquisas errantes, sem signo de progresso e acabamento. Politzer aqui faz a crítica do ir da noção aos fatos. Ocorre então uma inversão: “É sempre pela consideração de casos muito particulares que ela [a psicologia geral do segundo momento pré-científico] quer apreender tudo” (POLITZER, 1969, p. 108). No caso da teoria da percepção, eis um caso muito particular, o “problema central consiste em saber então como um homem em geral percebe os objetos em geral” (POLITZER, 1969, p. 109). A crítica da psicologia geral é uma crítica dos conceitos de sujeito geral e de objeto geral. Veja-se o porquê.

Se se força por exemplo a análise da percepção até o ponto onde o sujeito que percebe é o operário e o objeto percebido o instrumento com sua forma determinada, o problema inicial de que se partiu se torna subitamente insípido, em lugar do problema da percepção nós encontramos, por exemplo, o problema da psicologia do trabalho. (POLITZER, 1969, p. 109)

Essa é a maneira de pensar e os temas da psicologia geral que deveriam ocupar a psicologia positiva. “Se nós aplicamos esta maneira de pensar ao conjunto dos problemas da psicologia geral, veremos se substituir à psicologia da percepção, da memória, da vontade, da afetividade, a psicologia do trabalho, da profissão, da aprendizagem, etc.” (POLITZER, 1969, p. 109). O terceiro momento pré-científico é aquele de pesquisas mutiladas, tais como as pesquisas sobre o fenômeno luminoso e sua ação na retina e a derivação de seus resultados pelo campo da psicologia.

Tal é o terceiro momento pré-científico na psicologia geral corrente. Ela consiste no fato de que suas pesquisas são pesquisas *mutiladas*: elas se interrompem antes de ter podido atingir os fatos que elas concernem, na precisão mesma que lhes é própria. Isso aliás é inevitável: a infelicidade desta psicologia é justamente que o inacabamento de suas pesquisas a torna insuficiente, enquanto que seu acabamento a tornaria inútil. (POLITZER, 1969, p. 109-110)

Sobre como tratar o problema do efeito psicológico da iluminação, esse é um procedimento demasiado isolador. É necessário conceber as experiências de modo diverso, provavelmente com foco no conducionismo do indivíduo particular, enquanto age por si. Não são os condicionantes biológicos que interessam a Politzer, mas os condicionamentos do mundo humano. Neste caso, os condicionantes biológicos são

remanejados conceitualmente e introduzem proposições concretas, quer dizer, na medida em que proposições psicológicas concretas levam fundamentalmente em consideração o significado humano das ações como primeiro em relação a proposições sobre a biologia do homem geral.

O grande defeito da psicologia dita científica é que vai, ao mesmo tempo, muito longe e não longe suficiente. Ela vai muito longe na encenação de suas experiências, mas não longe suficiente na maneira mesma como suas experiências são concebidas [...] Parte-se, com efeito, da percepção luminosa em geral e do movimento em geral [...]. (POLITZER, 1969, p. 110)

“[...] o problema preciso e efetivamente dado da luminosidade e do rendimento no trabalho” implica considerar mais do que “a percepção e o movimento em geral” (POLITZER, 1969, p. 110). O caráter pré-científico consiste em que a psicologia “científica” inverte a sequência natural das coisas, partindo do geral das ideias de percepção e de movimento, e da síntese muitas vezes. “[...] *on ne remplace pas l'induction par la synthèse*”. A psicologia não deve começar pelas sínteses ou objetivar uma síntese que é a mesma com a qual tinham se começado as considerações teóricas. Então há atenção reforçada sobre os fatos. Os fatos objetivos da psicologia são dramáticos, segmentais e particulares. E a fisiologia deve ser uma ciência auxiliar, que não invada o campo original da ciência psicológica, que não é o centro da pesquisa psicológica. Aqui está onde deve ser fundamentada a psicologia, não se deve, para a ela chegar, começar da fisiologia, a fisiologia é outra ciência. Não havia sido feito ainda o uso correto auxiliar da fisiologia, por exemplo na psicologia do trabalho, como seção da psicologia dos eventos estandardizados.

Por outro lado, a *psicologia dos acontecimentos estandardizados*, por exemplo a psicologia do trabalho, tem certamente necessidade de conhecimentos emprestados à fisiologia. Mas isso não é uma razão para *começar* pela fisiologia [...] Pois só a análise dos acontecimentos dramáticos pode mostrar qual é exatamente a ajuda que demandamos à fisiologia. A psicologia fisiológica quer, ao contrário e porque lhe repugna partir do drama, recortar a questão *a priori*, por hipóteses concernindo as relações entre os fatos de consciência e o sistema nervoso, hipóteses cômodas sem dúvida, porque permitem construir *a priori* toda a “ciência”. Empréstase então da fisiologia isso de que a psicologia não tem nenhuma necessidade, mas deixa-se de lado o que seria efetivamente necessário, e na medida que não se limita a elaborar metáforas, para-se simplesmente no meio do caminho. Aqui ainda, a situação está invertida: não se vê com efeito jamais que o domínio de uma ciência positiva seja delimitado e seus métodos sejam definidos partindo de uma de suas ciências auxiliares: não se delimita, por exemplo, o domínio da física partindo da estatística. Pois, sem o aprofundamento das pesquisas físicas, ninguém teria podido mostrar que a física teria um dia necessidade do método estatístico. (POLITZER, 1969, p. 112)

A psicologia fisiológica é a etapa pré-científica das pesquisas que procedem a análise efetiva do drama. Lembremo-nos das duas tradições psicológicas pré-científicas ocidentais: a animista e a dramática. A ordem encadeia, portanto, a psicologia geral corrente com a psicologia dita científica, com a psicologia fisiológica, elas entram na categoria, em Politzer, de psicologias pré-científicas, ou mitológicas (animistas). Já também havia, retomemos, a tradição pré-científica dramática, a literatura, o teatro,

a *praktische Menschenkenntnis*. Há um caráter geral do pré-científico, qual seja: “O caráter pré-científico provém aqui da *inorganização dos procedimentos* que são empregados, ao mesmo tempo que da *insuficiência da análise dramática*” (POLITZER, 1969, p. 113). Politzer nota: “Não nos ocupamos desta ideia segundo a qual a *praktische Menschenkenntnis* é pré-científica porque ela procede por ‘intuição’. Não sabemos isso que se entende por ‘intuição’” (POLITZER, 1969, p. 113). Não existe nenhuma técnica, seja ela de base mitológica, pré-científica ou científica, que não seja um conhecimento histórico e humano.

Como dissemos mais acima, os procedimentos empregados pelos literatos e “os conhecedores dos homens” não são ainda senão aqueles da experiência dramática corrente. Ora, esses procedimentos, suficientes para as exigências da vida em comum, são insuficientes para um conhecimento, no sentido científico da palavra. Eles não estão com efeito nem *racionalizados*, nem *sistematizados*. Eles não estão racionalizados, porque não se conhece deles nem o funcionamento exato, nem a eficácia determinada. Não se sabe por exemplo aquilo que dá exatamente a simples observação dramática e aquilo que ela não pode dar. Eles não estão sistematizados porque não é questão nem na literatura, nem na *praktische Menschenkenntnis*, enumerar exatamente os procedimentos que são empregados e fazer deles em seguida um emprego refletido. (POLITZER, 1969, p. 114)

É preciso constituir um conhecimento do homem separado das exigências morais, sociais e religiosas. Então entram em cena novamente as noções da *Crítica dos fundamentos da psicologia*, como crítica do significado convencional.

Eis aqui por que os dados efetivos da observação são confundidos a cada instante com as exigências morais, sociais ou religiosas. É isso que faz também que se empregue, de uma maneira irrefletida, certos postulados que representam uma generalização ilegítima da experiência corrente. É assim que existe um conjunto de relações significativas acessíveis a todo mundo, imediatamente: são as relações significativas as mais correntes, aquelas em que entram *de hábito* nossas falas e nossas ações. A *praktische Menschenkenntnis* generaliza. Ela crê que nossas falas e nossas significações não entram nunca senão em relações significativas convencionais, e ela interpreta nossas falas e nossas ações sobre o plano das significações convencionais. Nós temos aqui um verdadeiro postulado; aquele que nós chamamos [na *Crítica dos fundamentos da psicologia*] o *postulado da significação convencional*. Ocorre, em certas circunstâncias, que uma fala ou uma ação significam inteiramente outra coisa que a significação convencional de que elas são, de ordinário, os veículos, e que tenham ainda uma significação, enquanto que sobre o plano das significações convencionais elas não pareçam ter nenhuma. (POLITZER, 1969, p. 114)

A psicologia deve também atingir o conhecimento disso que não é social, mas individual. Politzer recorre ao sonho e à neurose para constatar a significação individual. Seria porque são fenômenos dramáticos extremos? As neuroses e os sonhos significam uma significação individual. Então que entra a psicanálise, em um capítulo constante...

Tal é o caso do sonho e dos sintomas neuróticos cujo conhecimento necessita a exploração do campo das *significações individuais*. Mas justamente, a *praktische Menschenkenntnis*, adaptada à interpretação das significações convencionais, mostra-se incapaz de explorar esse campo. Seria preciso aqui uma descoberta que

não foi aportada senão pelo método psicanalítico. (POLITZER, 1969, p. 114-115)

A análise dramática é que mostra a insuficiência científica do conhecimento prático do homem, como estágio pré-científico.

A imperfeição dos procedimentos implica naturalmente a insuficiência da análise dramática. Certamente, a análise dramática ela mesma está presente, quer na literatura, quer no conhecimento prático do homem, porque é com a ajuda do drama que eles analisam o drama. Mas eles ficam na superfície, em lugar de ir até os elementos profundos do drama. Eles [literatura e conhecimento prático do homem] explicam a ação humana por fatores genéricos: vaidade, ambição, amor, gosto pela vida ou gosto pela morte, interesse, etc., mas esses fatores são emprestados eles mesmos da superfície da experiência dramática, e não representam uma dissecação verdadeira dela, como é o caso por exemplo das explicações psicanalíticas. (POLITZER, 1969, p. 115)

Crítica das metapsicologias

É contra a “metapsicologia” por fim que Politzer orientará suas críticas. Há uma lista dos tipos de metapsicologia que são objeto da crítica de Politzer, que estão do lado de uma “forma cientificamente falsa” da psicologia.

1º *A metapsicologia da alma-substância*, constituída por todas as considerações metafísicas concernentes à alma; [#] 2º *A metapsicologia dos fenômenos da alma ou metapsicologia da vida interior*; constituída por todas as considerações concernentes aos *estados da alma, os processos mentais, os fatos de consciência*, sua natureza, suas propriedades, sua classificação, e de uma maneira geral a *vida interior*, de qualquer maneira que seja. [#] 3º *A metapsicologia funcional*. Ela compreende todas as considerações concernentes às *funções mentais*, todas as considerações funcionais que tenham por tema uma ou várias das funções mentais da psicologia corrente, e mesmo, de uma maneira geral, todas as considerações funcionais das quais o tema não é tirado diretamente da análise do drama individual ou do drama estandardizado, e que não atingem a precisão do drama tal como ele é dado. [#] 4º *A metapsicologia da pessoa*. Ela compreende todas as teorias concernentes ao sujeito, ao eu, à pessoa, ao indivíduo, que não partem da análise do indivíduo singular, e que são incapazes de pôr em relevo o determinismo ininterrupto do conteúdo particular da vida do indivíduo. [#] 5º *A metapsicologia do homem*, constituída por todas as teorias concernentes à ação e ao comportamento do homem que não têm por base a análise dramática e que não objetivam o pôr em evidência dos elementos dramáticos situados abaixo da superfície da experiência dramática corrente. (POLITZER, 1969, p. 116-117)

Com este prisma da psicologia falsa, Politzer julga que somente a metapsicologia da alma-substância era questionada, e que as outras partes ainda gozavam do prestígio de psicologia positiva. Era preciso descreditar as outras partes metapsicológicas, pelo que elas têm de dependência da teoria da vida interior, de teoria de processos, de supostos sobre a natureza humana, ou animal, sobre a natureza física, de teorias abstratas sobre “vontade”, “síntese” etc. Então, o tema da transposição é copulado com as teses sobre o realismo, o formalismo e a abstração, numa soma dos aspectos da psicologia falsa que devem ser negados, e na definição positiva de “fato dramático”. “A metapsicologia é caracterizada pela transposição do drama com a ajuda do *realismo*,

da *abstração*, e do *formalismo*” (POLITZER, 1969, p. 118). Isso foi explicado na parte I detalhadamente, mas revejamos.

O *realismo* aniquila a realidade mesma do fato dramático tal como ele é dado concretamente; a *abstração* substitui os indivíduos concretos, que são os sujeitos do drama, por outros atores que são impessoais; o *formalismo* elimina a maneira precisa em que os fatos dramáticos são concretizados para não reter senão as formas em que a determinação individual não tem mais nenhum lugar. Assim o mundo da metapsicologia é *abstrato*, no sentido eminente do termo, porque ele não é senão um mundo de processos e de funções que planam muito alto acima da determinação individual do drama, e são submetidos a relações que não têm nenhum sentido humano. (POLITZER, 1969, p. 119)

O retorno ao concreto desse modo está realizado, e Politzer pode enunciar suas grandes teses positivas.

A psicologia concreta não é portanto *uma* psicologia, mas *a* psicologia, com toda a intransigência e toda intolerância que implica uma semelhante afirmação. [#] Nós dizemos, portanto: [#] 1º A *psicologia* é a ciência que tem por objeto este conjunto de fatos originais que nós chamamos o drama. Os fatos psicológicos são os segmentos do drama; o fato psicológico o mais elementar deve ser ainda um segmento do drama. [#] 2º Nós chamamos *mitológica* esta forma da psicologia que transpõe o drama em processos mentais com a ajuda do *realismo*, da *abstração* e do *formalismo*, e, de uma maneira geral, toda psicologia onde essas *démarches* estão presentes de qualquer maneira que seja. [#] 3º Nós chamamos *pré-científica* toda forma da psicologia que não tira o plano de suas pesquisas e o conjunto de seus problemas, da análise efetiva do drama e cujas afirmações não atingem os fatos dramáticos na precisão que lhes é própria. [#] 4º Nós chamamos *metapsicologia* o conjunto de pesquisas e teorias delimitadas pelas definições 2 e 3. (POLITZER, 1969, p. 119-120)

Politzer observa que a definição da psicologia concreta do fato psicológico ultrapassa a oposição entre psicologia objetiva e psicologia subjetiva, já que não é um dado da percepção interna nem um dado da percepção externa, porque o fato psicológico não é dado de nenhuma percepção; ao contrário, o drama define o fato psicológico, pois não sendo uma simples percepção, é uma “percepção complicada de uma compreensão”, ainda que a percepção seja exterior, mas “a compreensão de que se duplica não é uma percepção” (POLITZER, 1969, p. 120). Mas também se opõe a psicologia concreta aos procedimentos da “psicologia explicativa” e da “psicologia compreensiva”. A posição culminante do trajeto da psicologia concreta, com a inclusão de toda terminologia de opostos é resumida, então, neste longo parágrafo:

Somente, o fato de que o drama é um domínio significativo não justifica de todo a oposição de uma “psicologia explicativa” e de uma “psicologia compreensiva”. Pois uma psicologia “explicativa” que fizesse abstração do ponto de vista da significação, não conheceria as significações *dramáticas*: ela não seria portanto uma psicologia de todo. Por outro lado, o que importa não é a orientação até o ponto de vista da significação em geral, quer dizer até as significações em geral, mas até as significações humanas, e mais exatamente, até as significações dramáticas. Pareceria então que não é a explicação *em geral* que é para rejeitar, mas a explicação tal como ela tem sido empregada pela metapsicologia, quer dizer esta explicação que supõe o realismo, o formalismo e a abstração. A explicação

é, ao contrário, necessária, mas o que é preciso é a explicação dramática, quer dizer a explicação de segmentos dramáticos por outros segmentos dramáticos, mais fundamentais. (POLITZER, 1969, p. 120-121)

A psicologia compreensiva, como as psicologias introspeccionistas, tenta se pôr no lugar do indivíduo, como se o ato compreensivo do paciente fosse o mesmo do psicólogo, isto é, o psicólogo faz uma tentativa abstrata, que não vai deixar de recorrer a aspectos formais e gerais do psiquismo; isso porque ele não interpreta o decorrer da apresentação dramática. A exposição em primeira pessoa (ou concreta) tem seus próprios aspectos. Estes devem ser sujeitos a uma análise por parte do psicólogo, para que ele atue no concreto, e não por ser a sua compreensão dos atos segmentais dramáticos do indivíduo a mesma do indivíduo; a análise, no caso do psicólogo da “psicologia ‘compreensiva’”, antes, é utilizada para uma interpretação de abstrações que seriam intuitivas, em um “pôr-se no lugar dos outros”. Trata-se de um método simpático que Politzer considera impossível.

E ainda que a compreensão seja inteiramente outra coisa que a introspecção ou mesmo a intuição, uma psicologia puramente “compreensiva” que quisesse reviver, não seria isso senão sobre o plano das significações, dos fatos psicológicos, seria ainda calcada sobre o modelo da psicologia intuitiva, porque ela implicaria, ela também, um certo “pôr-se no lugar dos outros”. A psicologia concreta não se põe no lugar de ninguém; ela analisa o drama e explica o drama por isso que o explica efetivamente como drama, eis tudo. (POLITZER, 1969, p. 121)

Avançando a passos largos pela descrição e a negação das metapsicologias, Politzer afeta a teoria da análise elementar, com o recurso ao drama; está dizendo ele, nesse contexto de fevereiro, que sua análise dos elementos parte do drama, e que esta análise não é em si mesma nem verdadeira nem falsa; o objeto da psicologia concreta pode ser elementar desde que ela pesquise os “elementos homogêneos ao drama”, decomponha os segmentos dramáticos em outros elementos dramáticos mais profundos e mais fundamentais, “mas que implicam ainda a totalidade do indivíduo considerado em sua vida singular” (POLITZER, 1969, p. 121-122). Ao invés de ir do elementar ao todo, Politzer defende o ponto de vista gestáltico de que “todos os fatos, todas as constatações, mesmo as mais particulares, implicam já a totalidade do homem, e que o elemento o mais primitivo da psicologia dele seja já inseparável, e representa por consequência um segmento do drama” (ver bem essa definição de “segmento” aqui); não se trata para ele de “inventar uma totalidade”, que fosse soberana, ou prioritária, ou de sublinhar a existência de um todo a despeito do elementar, mas daquela totalidade que é dada, “o único meio que existe para isso consiste em estudar o drama” (POLITZER, 1969, p. 122). A oposição de fundamentos nas ciências da natureza e nas ciências do espírito era uma oposição ideológica, sendo que nem em umas nem nas outras se explicava sequer um fato psicológico como um sonho sonhado. Politzer desenvolve mais essa oposição criticamente, o que o deve colocar em um *hall* distinto no contexto dos debates sobre esses fundamentos, uma posição mais avançada. Se parece exagerada essa nossa pronúncia, veja-se.

É da mesma maneira que se reduz a oposição da *naturwissenschaftliche Psychologie* e da *geistwissenschaftliche Psychologie*. Isso que importa, com efeito, não é decidir *a priori* sobre quais tipos de conhecimento a psicologia vai se apoiar

de preferência. Isso não se decide senão *a posteriori*, quer dizer pela análise do drama, e isso depende justamente da natureza mesma do fato dramático que se analisa precisamente. Revela-se então que uma imitação cega dos métodos científicos é tão insuficiente quanto a utilização dos dados das ciências morais. Pois o que importa é a análise do drama estandardizado e aquela do drama individual. Ora, a psicologia fisiológica mesmo a mais aperfeiçoada não nos dará a psicologia do trabalho, tal como ele é, e as pesquisas históricas, sociológicas, jurídicas mesmo as mais extensas serão ainda incapazes de nos dar a explicação de um único sonho, tal como ele é no seu conteúdo particular. (POLITZER, 1969, p. 122-123)

Os métodos podem ter origens distintas desde que se analise realmente o drama. Então a oposição metodológica entre indução e dedução, não vale como problema maior; de fato, toda ciência é indutiva e apropriada ao objeto. Então, como fazer da psicologia a ciência indutiva autêntica?

Não se trata, portanto, mais de optar contra ou pela indução. Nenhuma ciência é possível sem indução. Mas se trata justamente de conceber a psicologia de tal maneira que suas induções sejam autênticas. Esse não é o caso da metapsicologia, porque o emprego da abstração e do formalismo a impede de partir dos fatos eles mesmos, na sua determinação individual. Em outros termos, longe de condenar a indução em geral, a psicologia concreta afirma justamente que as induções da metapsicologia não são induções verdadeiras, e quer conceber o fato psicológico de tal maneira que a indução verdadeira se torne justamente possível em matéria de psicologia. (POLITZER, 1969, p. 123-124)

Transposição metapsicológica

Há uma série de dificuldades resultantes da transposição metapsicológica, que avança a discussão terminológica entre oposições de fato, de tendências psicológicas materialmente reais, discussão da qual a crítica dos fundamentos da psicologia, sem ser levada a cabo, não encontraria o termo – Politzer, então, encontrou dela o termo. Sobre essas dificuldades, o comentário geral de Politzer é que:

As dificuldades sob a forma mesma sob a qual elas existem hoje não distinguem portanto o essencial, e não é a situação verdadeira que reproduzem os termos das grandes oposições da psicologia contemporânea. *A falta, com efeito, está por toda parte na transposição, e o essencial é cada vez o retorno ao concreto.* Eis por que a psicologia concreta representa a síntese verdadeira das antíteses em questão, e é capaz de resolver a dificuldade que está na base de cada uma dentre elas. (POLITZER, 1969, p. 124)

As oposições são entre a psicologia subjetiva e a psicologia objetiva; entre a *naturwissenschaftliche* e a *geisteswissenschaftliche Psychologie*; entre a psicologia analítica e a psicologia sintética; e entre a psicologia indutiva e a psicologia “penetrante”. A série de dificuldades, com os comentários de Politzer:

1º A dificuldade que está na base da oposição entre a psicologia subjetiva e a psicologia objetiva é a necessidade, para a psicologia, de se ocupar de fatos tendo logicamente a mesma estrutura que os fatos de qualquer outra ciência. Eles devem aparecer nas mesmas condições empíricas e permanecerem ao

mesmo tempo fatos originais. Mas a psicologia objetiva não satisfaz a segunda, a psicologia subjetiva a primeira das duas condições, e nem uma nem outra satisfaz as duas de uma vez, porque as duas [psicologias] buscam o fato psicológico na percepção. A psicologia concreta dá razão à tendência objetiva de ter sustentado a necessidade de não dar à psicologia um objeto que não seja acessível nas mesmas condições que aquelas das ciências da natureza; à tendência subjetiva de ter sustentado a originalidade dos fatos psicológicos, mas ela reprova à duas de uma vez terem buscado o objeto da psicologia na simples percepção. O drama, que não é nem interior nem exterior, não resulta de uma percepção. (POLITZER, 1969, p. 124)

Na numeração está havendo uma reelaboração definitiva que recupera os elementos trabalhados em outros momentos. Se aqui a oposição é sobre a objetividade, a segunda elenca as dificuldades de uma fórmula típica de oposição entre a psicologia da ciência da natureza e a da ciência do espírito (*naturwissenschaftliche* e a *geisteswissenschaftliche Psychologie*); Politzer as denomina em alemão a fim de marcar a sua origem; e cada uma anula seu objeto de uma maneira própria contrária à outra, o conceito do mundo não é concreto nos dois casos.

2º A dificuldade que está na base da oposição entre a *naturwissenschaftliche* e a *geisteswissenschaftliche Psychologie* é conduzida pela necessidade de introduzir na psicologia as categorias fundamentais e os procedimentos das ciências da natureza, permanecendo fiel ao caráter humano dos fatos psicológicos que não é dado senão pelo aspecto significativo do drama. Mas a *naturwissenschaftliche Psychologie* não pode introduzir em psicologia as categorias e os procedimentos das ciências da natureza sem fazer desaparecer o caráter humano dos fatos psicológicos, e a *geisteswissenschaftliche Psychologie* não pode salvar esse caráter senão transportando os fatos psicológicos sobre um plano em que eles são inacessíveis às categorias e métodos científicos. A psicologia concreta dá razão a cada uma dessas duas tendências em terem sustentado a exigência que lhes é própria, mas reprova às duas de uma vez terem buscado o objeto da psicologia em um *mundo*, uma no *mundo da natureza*, a outra no *mundo do espírito*, em lugar de buscar no *drama*. Pois cada um desses dois mundos não pode resultar, em matéria de psicologia, senão de uma certa abstração aplicada ao drama. Se se consente ao contrário em renunciar a essas abstrações, as categorias e os métodos das ciências da natureza se tornarão aplicáveis em psicologia sem que o fato psicológico perca seu caráter humano, e seu caráter humano será salvaguardado, sem que a ciência psicológica se torne a ciência do *espírito objetivo*. (POLITZER, 1969, p. 124-125)

Então a terceira e a quarta divisões dizem respeito às concepções da indução em psicologia, o que coloca a questão prévia, na terceira divisão, sobre a análise e a síntese, sobre decompor e recompor, com a ideia da análise e com as ideias de forma e estrutura esgotando as suas respectivas perspectivas pela indefinição do objeto da psicologia. Esse objeto é o “drama”, e é ele que dá a matéria para as perspectivas analíticas e sintéticas.

3º A dificuldade que está na base da *psicologia analítica* e da *psicologia sintética* reside na necessidade de decompor a totalidade em seus elementos, ao mesmo tempo que de respeitar a totalidade do indivíduo, sem a qual o drama é inconcebível. Os representantes da análise elementar têm portanto razão de afirmar que a psicologia deve proceder, ela também, por via de decomposição; os

representantes da ideia de estrutura, de forma e de totalidade têm razão em se recusarem a deixar reduzir a vida psicológica a uma poeira de elementos, a partir dos quais é em seguida impossível reconstituí-la, mas as duas erram em crer que o método analítico e o método sintético devam ser aplicados à vida psicológica tal como ela é definida pela psicologia corrente, quer dizer aos resultados da transposição. O objeto da psicologia sendo uma vez definido como o drama, a totalidade do indivíduo se torna a hipótese inicial e fundamental, sem a qual nenhum fato e nenhuma noção de psicologia é concebível, e a análise elementar se torna não somente possível, mas realmente fecunda. A psicologia concreta, ao decompor inteiramente o drama, vai até os elementos que são eles mesmos dramáticos, e implicam a totalidade do indivíduo, a mesmo título que o fato ou os fatos que são decompostos. (POLITZER, 1969, p. 125-126)

Por fim, a indução tem que ser entendida em uma acepção correta, quer dizer não como indução de resultados da transposição dos conteúdos dramáticos no animismo, mas como indução de aspectos dramáticos que permite a generalização como última etapa de considerações psicológicas.

4º A dificuldade que está na base da oposição entre a psicologia *indutiva* e a psicologia *“penetrante”* reside na necessidade de conduzir a leis que, sendo gerais, sejam as leis da vida psicológica. Os partidários da psicologia indutiva têm razão em se esforçarem em empregar a indução, os partidários da psicologia *“penetrante”* têm razão em negar o valor psicológico das induções da psicologia corrente. Mas os dois [tipos de partidários] estão errados de crerem que a indução tal como ela há sido empregada geralmente por esta última [a psicologia corrente] seja uma indução no sentido próprio do termo. Pois é aos resultados da transposição que o psicólogo clássico aplica a indução. Ora, a transposição destrói o drama; e as generalidades que se creem ter da *indução* vêm, de fato, das *démarches* da transposição, e em todo caso, a transposição tendo eliminado o drama, as induções efetuadas sobre os resultados da transposição não podem se reencerrar nenhum ensinamento concernente ao drama: eis por que essas induções parecem vazias. As induções que partem do drama ele mesmo conduzem, ao contrário, a *generalidades dramáticas* aplicáveis ao drama de onde elas são tiradas. (POLITZER, 1969, p. 126-127)

Então, a grande síntese de Politzer, não é uma do “justo meio”, mas síntese verdadeira, uma síntese que ultrapassa as oposições que são reais porque são falsas; não se trata de dar “uma *solução de princípio* a uma antinomia puramente teórica, mas indicar a *direção* na qual se encontra a *solução de fato* de dificuldades reais” (POLITZER, 1969, p. 127). “Aliás, se à psicologia concreta sucede por toda parte se pôr como *síntese*, é que as antíteses nas oposições à psicologia científica ordinária são as exigências da psicologia concreta, mas imperfeitamente distinguidas” (POLITZER, 1969, p. 127). Então há por toda parte nas psicologias assim distribuídas uma exigência subentendida de divisar a originalidade da psicologia do drama. Mas elas não encontraram a solução.

A *originalidade* que reclamam para os fatos psicológicos os partidários da psicologia introspectiva, não é justamente senão a originalidade do drama, de que eles têm malgrado a transposição, guardado a lembrança, mas que eles não podem distinguir na sua natureza verdadeira, por causa justamente da transposição. A *geisteswissenschaftliche Psychologie* reclama no fundo o retorno ao drama, mas ela está ainda muito perto da transposição para não crer na necessidade de garantir a aplicação do ponto de vista da significação ao subentender os fatos

psicológicos como *espírito*. (POLITZER, 1969, p. 127)

Essa mesma necessidade de um erro de transposição se encontra em outros dois tipos de metapsicologia, a da “forma” e a da “compreensão”, que seriam atuais por pretensamente considerarem materiais significativos. Mas para Politzer “significativo” significa “dramático”, que é a objetividade original da psicologia possível objetivamente; por isso ele conclui, sobre mais duas tendências contemporâneas:

A censura segundo a qual a psicologia clássica destrói as formas e as estruturas não é senão um protesto ainda confuso contra a *transposição* em geral que caracteriza a metapsicologia, e a afirmação da primazia e da soberania das formas e das estruturas, não é senão uma afirmação imperfeita da exigência segundo a qual todos os fatos psicológicos e todas as noções psicológicas devem ser segmentos do drama ou se reportar a um ação dramática que implica sempre o indivíduo considerado “*as a whole*”. A esterilidade que se censura à indução em matéria de psicologia não é de fato senão sua impotência de se aplicar ao drama, e a introdução da “compreensão” ou da “penetração” no lugar da indução não é senão uma maneira desviada de exigir da indução partir não dos resultados da transposição do drama, mas do drama diretamente. (POLITZER, 1969, p. 127-128)

A psicologia concreta então estava no ar, se a tendência ao drama já era percebida; mesmo, porém, que ainda não se houvesse encontrado a inspiração fundamental e realizado a sistematização dos saberes que lhe são próprios. A psicologia concreta é então principalmente uma “inspiração nova”, uma “atitude”, ruptura com a metapsicologia, retorno à tradição do “drama”, e plano de “pesquisas positivas”, que não precisa inventar todas as peças e a organização da *praktische Menschenkenntnis*. Então Politzer elogia as mais novas tendências, como necessárias historicamente.

Há um certo tempo já que se lhe têm consagrado a psicologia de Freud, a psicologia individual de Adler, a caracterologia e a psicologia industrial tal como elas são praticadas por seus representantes os mais esclarecidos. Todas essas tendências não têm *na sua inspiração fundamental* outro objeto que o drama e outro objetivo que *o aprofundamento da experiência dramática*. (POLITZER, 1969, p. 128-129)

Elas são o aperfeiçoamento dos procedimentos da *praktische Menschenkenntnis*, no que se refere, aliás, a respostas ao drama individual (psicanálise, psicologia individual e caracterologia) e ao drama estandardizado (psicologia industrial). Essas novas formas da psicologia devem romper por via de um retorno à tradição dramática com a forma clássica da psicologia que resulta do interesse animista, e portanto com a “transposição”.

Mas o que está para se fazer, é ajudar justamente essas pesquisas a tomarem nitidamente consciência de si mesmas. É preciso mostrar que a psicanálise, a psicologia individual, a caracterologia, não são nem ciências à parte, nem partes especiais da psicologia corrente, pois as formas verdadeiras de uma pesquisa científica não podem deixar subsistir ao lado de si as formas falsas; ainda menos podem elas representar seus capítulos particulares. (POLITZER, 1969, p. 129)

Elas não podem ser as partes aplicadas das formas falsas de pesquisa da psicologia. Sobre a síntese da crítica politzeriana das categorias e das escolas clássicas, Politzer repete-a em uma forma superior, dizendo que:

É preciso mostrar que o realismo, a abstração e o formalismo não desempenharam nenhum papel nos conhecimentos que nos aportaram as tendências em questão, que cada vez mesmo que elas conduziram a uma descoberta verdadeira, não foi senão se distanciando e se liberando dessas *démarches*. (POLITZER, 1969, p. 130)

É preciso então retornar à tradição dramática, colocar no centro das preocupações teóricas pesquisas que tenham essas características, absorvidas até então pelo “edifício central da metapsicologia”, para se fazerem “descobertas psicológicas verdadeiramente novas” (POLITZER, 1969, p. 130). A psicologia concreta poderia ser refutada somente se se demonstrasse que não houve a transposição, a que tantas vezes se refere Politzer, pelas psicologias que trabalham com construções teóricas dessa transposição do dramático no animista, não, portanto, justificando-se com o repertório metapsicológico.

Toda crítica, com efeito, que terá a pretensão de basear-se sobre os fundamentos da psicologia, deverá se mover no nível das *démarches* que presidem a maneira com a qual a psicologia obtém efetivamente seus fatos, suas noções, e pronunciar-se sobre o número e a legitimidade dessas *démarches*. (POLITZER, 1969, p. 131)

É, afinal, sobre todos estes pontos que deve versar o psicólogo, para poder julgar as pretensões de reformar a psicologia.

A perspectiva em julho de 1929

Sobre a atitude da psicologia concreta, em julho de 1929, “Onde vai a psicologia concreta?”, então teremos a seguinte posição, implicando assim toda a sua novidade.

Quando nós chamamos “psicologia abstrata” a psicologia saída da teologia da alma, e quando nós lhe opusemos a “psicologia concreta” nós portanto enunciamos os resultados da crítica como nós a orientamos. Esta crítica era orientada não até teses, mas até sua estrutura, e é por isso que ela objetivou a oposição que concerne não às teses sustentadas de um lado e de outro, mas à atitude mesma que as engendra. (POLITZER, 1969, p. 149)

Enfim, quanto à posição mais fundamental de Politzer (crítica dos fundamentos mesmos) em relação à psicologia clássica, denotado está o trabalho constante de questões em psicologia que era feito já havia alguns anos. Mas, concluindo pela perspectiva de Bianco (2016), então, se o radicalismo da psicologia concreta como crítica da ideologia psicológica já se apresenta nos grandes termos, a crise epistemológica que sofrem os temas de Politzer o conduz à identificação *psicologia concreta = psicologia materialista*. Há esse momento, é verificável esse momento. Tem que ser notada, então, a atitude da psicologia concreta, e aqui, sua identificação com a psicologia materialista como momento conclusivo do percurso de Politzer. Então observemos as posições que tenham concomitância temática, e ver-se-á a descontinuidade posicional. É preciso insistir ainda nas marcas do tradicional e clássico. Em termos os mais gerais, o procedimento tradicional da psicologia clássica (do bergsonismo incluído) – é opor processos a processos.

Certamente quando o esforço materialista baseia-se sobre uma psicologia que se ocupa de processos, não pode estar em questão senão opor processos a processos: aos processos espirituais processos materiais (POLITZER, 1969, p. 151).

Vemos a face dupla de Janus da psicologia clássica, de mesmo corpo tradicional. A psicologia clássica se divide em espiritualismo e materialismo – a mesma divisão clássica das correntes da filosofia. Temos decorrente de uma determinada ideia de matéria uma ideologia particular, de mesma base epistêmica, o materialismo tradicional.

O que poder-se-ia fazer aqui da ideia de matéria, enquanto que sua intervenção em psicologia é devida essencialmente à limitação do velho materialismo pelas próprias *démarches* {iniciativas, trad. portuguesa} constitutivas da psicologia saída da teologia, e por consequência por toda a situação ideológica e social de que esta aqui é a expressão? (POLITZER, 1969, p. 151)

O materialismo tem origem na teologia, do mesmo modo que o espiritualismo – então está identificada a grande linha e o seu bífido. O materialismo tradicional é uma parte da psicologia clássica. A grande linha implica, então, uma crise no momento mesmo dos avanços científicos que haveriam de rearranjar o quadro das ciências humanas, e houve o rearranjo; Politzer tratou principalmente de questioná-lo. Por exemplo, sobre a crise do contexto histórico, Politzer diz que se tratará muitas vezes do animismo tentando acompanhar linhas de fatos constatados pela ciência; e Politzer propugna um retorno ao mundo humano. Então será necessário observar o que é o concreto (volver ao indivíduo).

Muito se falou nesses últimos tempos da orientação ideológica da psicologia. Ao se constatar a falência da psicologia de inspiração fisiológico-biológico-experimental, tem-se de novo posto o problema que consiste em saber de qual ordem são os quadros teóricos e os conhecimentos que supõe toda a pesquisa psicológica. E é assim que se chegou a opor à psicologia-ciência da natureza, a psicologia-ciência do espírito. (POLITZER, 1969, p. 163)

Por isso o problema da definição do “fato psicológico”. Sobre o que é fato psicológico então, haverá a ruptura epistêmica com a psicologia tradicional.

É a mesma coisa em psicologia. Somente é preciso para essa uma concepção absolutamente clara do fato psicológico, absolutamente clara e absolutamente positiva. As determinações que partem de uma concepção confusa ou mitológica do fato psicológico não podem compromissar a psicologia positiva. [#] Ora, o objeto da psicologia é dado pelo conjunto dos fatos humanos, considerados em sua relação com o indivíduo humano, quer dizer enquanto eles constituem a vida de um homem e a vida dos homens. [...] Ora, os acontecimentos humanos neles mesmos têm uma estrutura e são submetidos a um determinismo que o psicólogo deve conhecer para poder em seguida considerar os mesmos acontecimentos em relação ao indivíduo. (POLITZER, 1969, p. 165)

A importância do indivíduo para a psicologia concreta coloca o problema da abstração universal concreta do capitalismo, não anulando um determinado conceito de sujeito, com suas responsabilidades sociais e históricas. Então temos em consequência daquela definição do fato psicológico, a constatação histórica das concepções mitológicas nas duas correntes, materialismo tradicional, espiritualismo. Reforça-se que os fatos humanos devem ser considerados na sua relação com o indivíduo, também que a abstração concreta do capitalismo afeta o indivíduo deterministicamente, e que esse é o verdadeiro determinismo. A psicologia materialista, na resolução dos termos da disputa, é verdadeiramente humanista. “O materialismo da psicologia no

sentido científico do termo deverá ter uma tomada {influência, trad. portuguesa} direta sobre as coisas humanas” (POLITZER, 1969, p. 152). É no materialismo histórico que encontramos o humanismo e o determinismo humano das causas. Conhecimento das causas verdadeiras implica uma atitude nova, dentro da estrutura da sociedade. Note-se qual a atitude política da psicologia concreta, que é a psicologia que conhece o verdadeiro determinismo das causas sociais. Sobre a necessidade histórica de proteção de uma instituição, então, Politzer vai ter de argumentar para justificar sua posição no debate da psicologia no contexto.

Política; é assim sem dúvida que se vai registrar a orientação materialista da psicologia concreta. Uns dirão que a psicologia concreta não pôde, ela também, escapar à regra comum das doutrinas “obrigadas a se colocar sob a proteção de uma potência material: Igreja ou partido político”. Outros nos dirão: “É infinitamente lamentável que você tenha sacrificado as surpresas de uma impulsão jovem e vigorosa à execução mecânica de um programa em limites estreitos”. (POLITZER, 1969, p. 160)

Lalande se decepcionou com Politzer nesse sentido, ao ler uma passagem da *Crítica dos Fundamentos da Psicologia* (Cf. POLITZER, 1969, p. 160). Nas posições avançadas de julho de 1929, as relações entre psicologia e materialismo dialético estão de tal maneira imbricadas que já não se viam diferenças.

Em outros termos a psicologia inteira não é possível senão consagrada na economia. E é por esta que ela supõe todos os conhecimentos adquiridos pelo materialismo dialético e deve constantemente se apoiar neles. É portanto bem o materialismo que representa a verdadeira base ideológica da psicologia positiva. (POLITZER, 1969, p. 167)

Porém, se se confundem, não se identificam, apesar de afirmações avançadas, tais como: “a determinação dos fatos psicológicos eles mesmos é uma determinação econômica” (POLITZER, 1969, p. 169). Não se identificam porque se, de um lado, pode estar em questão “uma psicologia do trabalho na medida em que o trabalho é considerado em relação com os indivíduos” (POLITZER, 1969, p. 169), e, portanto, a reação do indivíduo à determinação do universal é estandardizada, por outro, a própria liberdade do indivíduo ainda é questão para Politzer – há uma tese da não determinidade ontológica do sujeito, que, parece-nos, guia os critérios de Politzer. Então Politzer assume a necessidade histórica da proteção de uma instituição, e que a psicologia é consagrada na economia; essas duas ciências se confundem, mas não se identificam, e o critério não objetivista atua no sentido de discutir a liberdade e as restrições dessa liberdade do homem.

Psicologia e materialismo dialético

Contudo, as posições avançadas de julho de 1929 exigem o realismo materialista dialético, e é nesse sentido que Politzer compara: “Se se quer uma comparação, pode-se dizer que a psicologia é para a economia isso que a fisiologia seria para a física e para a química” (POLITZER, 1969, p. 169-170). Porém, em relação à “psicotécnica”, vai haver algumas restrições, pois, nesse caso, merece crítica porque “a psicologia se pôs à obra para descobrir os meios que permitem a servidão completa do indivíduo à produção”

(POLITZER, 1969, p. 168). A reserva tem uma função crítica quando se considera a relação entre psicologia e marxismo. Politzer herda de sua própria pesquisa anterior a exigência de passar pelo indivíduo a visão da totalidade concreta, sendo esse o critério do concreto em psicologia. Há um fundo de antiobjetivismo no objetivismo mesmo, e o que ele quer, em julho de 1929, é, de fato, “pôr somente em evidência a relação absolutamente íntima que une a psicologia ao marxismo no momento que seu objeto é, de uma maneira geral, o conjunto dos fatos humanos reais, considerados somente do ponto de vista de sua atualidade individual” (POLITZER, 1969, p. 170). A tese antiobjetivista serve como critério para distinguir, também, dois tipos de determinismos materialistas: o econômico e o médico, pois, para ele, a psicologia está encadeada na economia antes do que na medicina. Dentre as posições avançadas de julho de 1929, o critério antiobjetivista ainda serve para distinguir o determinismo econômico como verdadeiro e o determinismo médico como abstrato? É o que supomos. Politzer abre uma nova alínea afirmativa para a nova psicologia, neste sentido que vai tentar validar um determinado objetivismo. Então, sobre a nova psicologia (principalmente o behaviorismo e a psicanálise), Politzer se manifestará positivamente quanto ao dispositivo das “reações”: “O determinismo psicológico será aquele que se manifestará no conjunto de suas [do indivíduo] reações e não aquela que vai de um processo a outro processo” ((POLITZER, 1969, p. 172). A nova psicologia é uma psicologia do determinismo das reações e tem por objeto o conjunto das reações no âmbito do indivíduo. Por exemplo, a determinação dramática do complexo familiar, do complexo de Édipo. A determinação, assim, é dramática, e está em oposição ao determinismo meramente mecânico, do materialismo tradicional, na linguagem e nas relações de processos.

É assim que a formação do complexo de Édipo depende da organização da família, porque desta organização decorrem situações determinadas que determinam a vida e a evolução do indivíduo, como o horário dos caminhos de ferro determina as intenções do viajante (POLITZER, 1969, p. 173).

O determinismo então é claro, assim como o aspecto de “drama” da vivência individual e o significado dessa vivência. A nova psicologia forneceria bons dispositivos teóricos, que se coadunam com a teoria do drama e do determinismo particular que Politzer defende. Nesse sentido, teria melhorado a situação histórica da ciência psicológica e era possível um programa positivo, em julho de 1929, isso apesar das teses desorientadoras do materialismo médico e sociológico, que vigoravam desde o século XIX.

Se esta orientação até uma concepção “dramática”, quer dizer humana, do determinismo em psicologia torna-se mais e mais sensível nos trabalhos psicológicos recentes, é por contra manifesto que as concepções e os programas faltam ainda em precisão. Com efeito, o todo não é considerar o indivíduo “as a whole” e examinar suas reações nas situações dadas. É preciso considerar o indivíduo que é efetivamente e as situações tal como elas são efetivamente. É preciso, em outros termos, uma concepção verdadeiramente concreta ao mesmo tempo do indivíduo e dos acontecimentos humanos e das situações humanas. (POLITZER, 1969, p. 173)

Havia o que Politzer chama de concepção unilateral e abstrata do indivíduo em função do meio, na psicologia clássica, a partir de uma compreensão sociológica, também clássica. O exemplo que ele dá é aquele de Durkheim, que negligencia a situação econômica fundamental, já que “o acento é posto manifestamente sobre a situação ideológica”, assim como na situação “tecnológica” (POLITZER, 1969, p. 173) sem mais induções a partir de experiências individuais. O que não significa que Politzer não reconhece o progresso relativo da sociologia ao introduzir o ponto de vista social. Mas acentua a determinação econômica. Há um esforço de combinação entre a nova psicologia e o determinismo econômico de tipo marxista, que, aliás, não causa estranhamento e mostra o senso do oportuno de Politzer. Como ele diz: “E se nós falamos a linguagem ‘estímulo-resposta’, é preciso que o psicólogo saiba de qual maneira as condições econômicas regulam os acontecimentos aos quais o indivíduo deverá ‘reagir’” (POLITZER, 1969, p. 175). Melhora a situação da psicologia com a sociologia durkheimiana, mas existem sérias restrições nessa metodologia. Politzer acentua de modo marxista a determinação econômica como a mais fundamental – e o esquema estímulo-resposta tem que ser posto nesse quadro do materialismo econômico marxista. No mundo humano não existe determinação de processos, segundo Politzer, como se essa determinação se tratasse de um mecanismo, mas se trata de uma lei econômica, no quadro da qual a psicologia tem que inserir o seu indivíduo.

O que importa aqui ainda não é a mecânica de termo a termo e ponto por ponto da determinação tal como ela vai “da percepção ao movimento”, mas o fato justamente de que o indivíduo deve se adaptar às condições que são reguladas por uma lei que não é de forma alguma psicológica. (POLITZER, 1969, p. 175)

Contra a determinação de processos, a lei-econômica na qual se insere a lei-psicológica sobre o plano dramático. De onde segue a síntese conclusiva e oportuna, bem própria ao texto de Politzer: “Seja como for, e para ser mais compreensível, a determinação dos fatos psicológicos é materialista sobre o plano dramático e não sobre aquele dos processos” (POLITZER, 1969, p. 176). A psicologia está para a economia..., mas não é a economia, não é a mesma coisa que lidar com determinações econômicas, no sentido estatístico, numérico, etc., nem mesmo categorial. “Nós não queremos dizer que o papel da psicologia consiste em pesquisar atrás dos fatos psicológicos a determinação econômica. Nós dizemos somente que a análise completa dos fatos psicológicos efetivos revela esta determinação” (POLITZER, 1969, p. 177). Eis que aparece o enunciado do que foi notado por Daniel Hameline, em outro contexto, mas que aparece de novo aqui, (*apud* MARIQUELA, 2007, p. 108), da “síntese doutrinal da psicanálise com o marxismo”, como se segue: “e não há nenhuma espécie de contradição entre o método psicanalítico ou o método marxista como querem crê-lo certos confucionistas” (POLITZER, 1969, p. 178, *itálico* nosso). Observe-se que nunca há invasão de uma ciência no campo da outra. “Não há uma ‘teoria materialista do sonho’. Há o estudo do sonho na psicologia que é materialista” (POLITZER, 1969, p. 178).

Nos dois artigos, estávamos basicamente lendo, traduzindo e comentando as articulações dos artigos da *Revue de psychologie concrète*, de fevereiro e de julho de 1929. Fizemos a compreensão de como Politzer mudou suas posições e a interpretação

da inflexão que ele opera no sentido do materialismo histórico, com suas antíteses ao clássico e a suas teses sobre o que deveria ser a psicologia científica.

Bibliografia

BERGSON, H. *Ensaio sobre os dados imediatos da consciência*. Trad. João da Silva Gama. Lisboa: Edições 70, 1988.

BIANCO, G. (Ed.). *La signification du concret. Psychologie et philosophie chez Georges Politzer*. Paris: Hermann, 2016.

MARIGUELA, M. *Psicanálise e surrealismo: Lacan, o passador de Politzer*. Piracicaba-SP: Jacintha Editores, 2007.

POLITZER, G. *A filosofia e os mitos*. Trad. Eduardo Francisco Alves. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

_____. *Contre Bergson et quelques autres. Écrits philosophiques, 1924-1939*. Paris: Flammarion, 2013.

_____. *Crítica dos fundamentos da psicologia. A psicologia e a psicanálise*. Trad. Marcos Marcionilo e Yvone Maria de Campos Teixeira da Silva. Piracicaba-SP: Editora UNIMEP, 1998.

_____. *Écrits 1. La philosophie et les mythes*. Paris: Éditions Sociales, 1973.

_____. *Écrits 2. Les fondements de la psychologie*. Paris: Éditions Sociales, 1969.

_____. *Le bergsonisme: une mystification philosophique*. Paris: Éditions Sociales, 1946.

_____. *Os fundamentos da psicologia*. Trad. Ana Maria Marques de Almeida. Lisboa: Prelo, 1978.

Recebido em: 20 jan. 2021 — **Aceito em:** 28 dez. 2021.